

## DOMINGO II DA QUARESMA

### CIC 554-556, 568: a Transfiguração

**554** A partir do dia em que Pedro confessou que Jesus era o Cristo, Filho do Deus vivo, o Mestre «começou a explicar aos seus discípulos que tinha de ir a Jerusalém e lá sofrer [...], que tinha de ser morto e ressuscitar ao terceiro dia» (Mt 16, 21). Pedro rejeita este anúncio<sup>1</sup> e os outros também não o entendem<sup>2</sup>. É neste contexto que se situa o episódio misterioso da transfiguração de Jesus<sup>3</sup>, no cimo duma alta montanha, perante três testemunhas por Ele escolhidas: Pedro, Tiago e João. O rosto e as vestes de Jesus tornaram-se fulgurantes de luz. Moisés e Elias aparecem, «e falam da sua morte, que ia consumir-se em Jerusalém» (Lc 9, 31). Uma nuvem envolve-os e uma voz do céu diz: «Este é o meu Filho predilecto: escutai-O» (Lc 9, 35).

**555** Por um momento, Jesus mostra a sua glória divina, confirmando assim a confissão de Pedro. Mostra também que, para «entrar na sua glória» (Lc 24, 26), tem de passar pela cruz em Jerusalém. Moisés e Elias tinham visto a glória de Deus sobre a montanha; a Lei e os Profetas tinham anunciado os sofrimentos do Messias<sup>4</sup>. A paixão de Jesus é da vontade do Pai: o Filho age como Servo de Deus<sup>5</sup>. A nuvem indica a presença do Espírito Santo: «*Tota Trinitas apparuit: Pater in voce; Filius in homine; Spiritus in nube clara* – Apareceu toda a Trindade: o Pai na voz; o Filho na humanidade; o Espírito Santo na nuvem luminosa»<sup>6</sup>:

«Transfiguraste-Te sobre a montanha e, na medida em que disso eram capazes, os teus discípulos contemplaram a tua glória, ó Cristo Deus; para que, quando Te vissem crucificado, compreendessem que a tua paixão era voluntária, e anunciassem ao mundo que Tu és verdadeiramente a irradiação do Pai»<sup>7</sup>.

**556** No limiar da vida pública, o baptismo; no limiar da Páscoa, a transfiguração. Pelo baptismo de Jesus «*declaratum fuit mysterium primae regenerationis* – foi declarado o mistério da (nossa) primeira regeneração» – o nosso Baptismo; e a transfiguração «*est sacramentum secundae regenerationis* – é o sacramento da (nossa) segunda regeneração» – a nossa própria ressurreição<sup>8</sup>. Desde agora, nós participamos na ressurreição do Senhor pelo Espírito Santo que actua nos sacramentos do Corpo de Cristo. A transfiguração dá-nos um antegoço da vinda gloriosa de Cristo, «que transfigurará o nosso corpo miserável para o conformar com o seu corpo glorioso» (Fl 3, 21). Mas lembra-nos também que

<sup>1</sup> Cf. Mt 16, 22-23.

<sup>2</sup> Cf. Mt 17, 23; Lc 9, 45.

<sup>3</sup> Cf. Mt 17, 1-8 e par.; 2 Pe 1, 16-18.

<sup>4</sup> Cf. Lc 24, 27.

<sup>5</sup> Cf. Is 42, 1.

<sup>6</sup> SÃO TOMÁS DE AQUINO, *Summa theologiae*, 3, q. 45, a. 4, ad 2: Ed. Leon. 11, 433.

<sup>7</sup> *Liturgia bizantina, Kontakion na Festa da Transfiguração: «Mênaia tou hólou eniautoú»*, v. 6 (Romae 1901) p. 341.

<sup>8</sup> SÃO TOMÁS DE AQUINO, *Summa theologiae*, 3, q. 45, a. 4, ad 2: Ed. Leon. 11, 433.

temos de passar por muitas tribulações para entrar no Reino de Deus» (Act. 14, 22):

«Era isso que Pedro ainda não tinha compreendido, quando manifestava o desejo de ficar com Cristo no cimo da montanha<sup>9</sup>. – Isso, Ele to reservou, Pedro, para depois da morte. Mas agora, Ele próprio te diz: Desce para sofrer na Terra, para servir na Terra, para ser desprezado e crucificado na Terra. A Vida desce para se fazer matar; o Pão desce para passar fome; o Caminho desce para se cansar de andar; a Fonte desce para ter sede; – e tu recusas-te a sofrer?»<sup>10</sup>.

**568** *A transfiguração de Cristo tem por fim fortalecer a fé dos Apóstolos em vista da paixão: a subida à «alta montanha» prepara a subida ao Calvário. Cristo, cabeça da Igreja, manifesta o que o seu Corpo contém e irradia nos sacramentos: «a esperança da Glória» (Cl 1, 27)<sup>11</sup>.*

### **CIC 59, 145-146, 2570-2571: a obediência de Abraão**

**59** Para reunir a humanidade dispersa, Deus escolhe Abrão, chamando-o para «deixar a sua terra, a sua família e a casa de seu pai» (Gn 12, 1), para o fazer Abraão, quer dizer, «pai de um grande número de nações» (Gn 17, 5): «Em ti serão abençoadas todas as nações da Terra» (Gn 12, 3)<sup>12</sup>.

**145** A Epístola aos Hebreus, no grande elogio que faz da fé dos antepassados, insiste particularmente na fé de Abraão: «Pela fé, Abraão *obedeceu* ao chamamento de Deus, e partiu para uma terra que viria a receber como herança: partiu, sem saber para onde ia» (Heb 11, 8)<sup>13</sup>. Pela fé, viveu como estrangeiro e peregrino na terra prometida<sup>14</sup>. Pela fé, Sara recebeu a graça de conceber o filho da promessa. Pela fé, finalmente, Abraão ofereceu em sacrifício o seu filho único<sup>15</sup>.

**146** Abraão realiza assim a definição da fé dada pela Epístola aos Hebreus: «A fé constitui a garantia dos bens que se esperam, e a prova de que existem as coisas que não se vêem» (Heb 11, 1). «Abraão acreditou em Deus, e isto foi-lhe atribuído como justiça» (Rm 4, 3)<sup>16</sup>. «Fortalecido» por esta fé (Rm 4, 20), Abraão tornou-se «o pai de todos os crentes» (Rm 4, 11. 18)<sup>17</sup>.

**2570** Quando Deus o chama, Abraão parte «como o Senhor lhe tinha mandado» (Gn 12, 4). O seu coração está completamente «submetido à Palavra»: ele obedece. A escuta do coração que se decide em conformidade com Deus é essencial à oração; as palavras têm um valor relativo. Mas a oração de Abraão exprime-se, antes de mais, em actos: homem de silêncio, constrói, em cada etapa, um altar ao Senhor. Só mais tarde é que aparece a sua primeira oração por palavras: uma

<sup>9</sup> Cf. Lc 9, 33.

<sup>10</sup> SANTO AGOSTINHO, *Sermão* 78, 6: PL 38, 492-493.

<sup>11</sup> Cf. SÃO LEÃO MAGNO, *Sermão* 51, 3: CCL 138A, 298-299 (PL 54, 310).

<sup>12</sup> Cf. Gl 3, 8.

<sup>13</sup> Cf. Gn 12, 1-4.

<sup>14</sup> Cf. Gn 23, 4.

<sup>15</sup> Cf. Heb 11, 17.

<sup>16</sup> Cf. Gn 15, 6.

<sup>17</sup> Cf. Gn 15, 5.

queixa velada que lembra a Deus as suas promessas que não parecem cumprir-se<sup>18</sup>. Assim nos aparece, desde o princípio, um dos aspectos do drama da oração: a prova da fé na fidelidade de Deus.

**2571** Tendo acreditado em Deus<sup>19</sup>, caminhando na sua presença e em aliança com Ele<sup>20</sup>, o patriarca está pronto para acolher na sua tenda o Hóspede misterioso: é a admirável hospitalidade de Mambré, prelúdio da Anunciação do verdadeiro Filho da promessa<sup>21</sup>. Desde então, tendo-lhe Deus confiado o seu desígnio, o coração de Abraão fica em sintonia com a compaixão do seu Senhor pelos homens e ousa interceder por eles com uma confiança audaciosa<sup>22</sup>.

### **CIC 1000: a fé abre-nos o caminho para compreender o mistério da Ressurreição**

**1000** Este «como» ultrapassa a nossa imaginação e o nosso entendimento; só na fé se torna acessível. Mas a nossa participação na Eucaristia dá-nos já um antegoço da transfiguração do nosso corpo, operada por Cristo:

«Assim como, depois de ter recebido a invocação de Deus, o pão que vem da terra deixa de ser pão ordinário e é Eucaristia, constituída por duas coisas, uma terrena, outra celeste, do mesmo modo os nossos corpos, que participam na Eucaristia, já não são corruptíveis, pois têm a esperança da ressurreição»<sup>23</sup>.

### **CIC 645, 999-1001: a Ressurreição do corpo**

**645** Jesus Ressuscitado estabeleceu com os seus discípulos relações directas, através do contacto físico<sup>24</sup> e da participação na refeição<sup>25</sup>. Desse modo, convida-os a reconhecer que não é um espírito<sup>26</sup>, e sobretudo a verificar que o corpo ressuscitado, com o qual se lhes apresenta, é o mesmo que foi torturado e crucificado, pois traz ainda os vestígios da paixão<sup>27</sup>. No entanto, este corpo autêntico e real possui, ao mesmo tempo, as propriedades novas dum corpo glorioso: não está situado no espaço e no tempo, mas pode, livremente, tornar-se presente onde e quando quer<sup>28</sup>, porque a sua humanidade já não pode ser retida sobre a terra e já pertence exclusivamente ao domínio divino do Pai<sup>29</sup>. Também por este motivo, Jesus Ressuscitado é soberanamente livre de aparecer como quer: sob a aparência dum jardineiro<sup>30</sup> ou «com um aspecto diferente» (*Mc* 16, 12) daquele que era familiar aos discípulos; e isso, precisamente, para lhes despertar a fé<sup>31</sup>.

<sup>18</sup> Cf. *Gn* 15, 2-3.

<sup>19</sup> Cf. *Gn* 15, 6.

<sup>20</sup> Cf. *Gn* 17, 1-2.

<sup>21</sup> Cf. *Gn* 18, 1-15; *Lc* 1, 26-38.

<sup>22</sup> Cf. *Gn* 18, 16-33.

<sup>23</sup> SANTO IRENEU DE LIÃO, *Adversus Haereses* 4, 18, 5: SC 100, 610-612 (PG 7, 1028-1029).

<sup>24</sup> Cf. *Lc* 24, 39; *Jo* 20, 27.

<sup>25</sup> Cf. *Lc* 24, 30.41-43; *Jo* 21, 9.13-15.

<sup>26</sup> Cf. *Lc* 24, 39.

<sup>27</sup> Cf. *Lc* 24, 40; *Jo* 20, 20.27.

<sup>28</sup> Cf. *Mt* 28, 9.16-17; *Lc* 24, 15.36; *Jo* 20, 14.19.26; 21, 4.

<sup>29</sup> Cf. *Jo* 20, 17.

<sup>30</sup> Cf. *Jo* 20, 14-15.

<sup>31</sup> Cf. *Jo* 20, 14.16; 21, 4.7.

**999** *Como?* Cristo ressuscitou com o seu próprio corpo: «Vede as minhas mãos e os meus pés: sou Eu mesmo» (Lc 24, 39); mas não regressou a uma vida terrena. De igual modo, n'Ele «todos ressuscitarão com o seu próprio corpo, com o corpo que agora têm»<sup>32</sup>, mas esse corpo será «transformado em corpo glorioso»<sup>33</sup>, em «corpo espiritual» (1 Cor 15, 44):

«Alguém poderia perguntar: “Como ressuscitam os mortos? Com que espécie de corpo voltam eles?” Insensato! O que tu semeias não volta à vida sem morrer. E o que semeias não é o corpo que há-de vir, é um simples grão [...]. O que é semeado sujeito à corrupção ressuscita incorruptível; [...] os mortos ressuscitarão incorruptíveis [...]. É, de facto, necessário que este ser corruptível se revista de incorruptibilidade, que este ser mortal se revista de imortalidade» (1 Cor 15, 35-37.42.52-53).

**1000** Este «como» ultrapassa a nossa imaginação e o nosso entendimento; só na fé se torna acessível. Mas a nossa participação na Eucaristia dá-nos já um antegoço da transfiguração do nosso corpo, operada por Cristo:

«Assim como, depois de ter recebido a invocação de Deus, o pão que vem da terra deixa de ser pão ordinário e é Eucaristia, constituída por duas coisas, uma terrena, outra celeste, do mesmo modo os nossos corpos, que participam na Eucaristia, já não são corruptíveis, pois têm a esperança da ressurreição»<sup>34</sup>.

**1001** *Quando?* Definitivamente «no último dia» (Jo 6, 39-40.44.54; 11, 24), «no fim do mundo»<sup>35</sup>. Com efeito, a ressurreição dos mortos está intimamente associada à Parusia de Cristo:

«Ao sinal dado, à voz do arcanjo e ao som da trombeta divina, o próprio Senhor descerá do céu e os mortos em Cristo ressuscitarão primeiro» (1 Ts 4, 16).

<sup>32</sup> IV CONCÍLIO DE LATRÃO, c. 1, *De fide catholica*: DS 801.

<sup>33</sup> Cf. Fl 3, 21.

<sup>34</sup> SANTO IRENEU DE LIÃO, *Adversus Haereses* 4, 18, 5: SC 100, 610-612 (PG 7, 1028-1029).

<sup>35</sup> II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. dogm. *Lumen Gentium*, 48: AAS 57 (1965) 54.